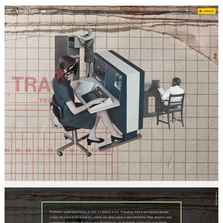

Mulheres superavam homens, a cada 1,5 minuto, a 1 em 1 segundo. Entre as mulheres, 1 em cada cinco sofrerá violência ao longo de sua vida. Em 2013, foram 5,8 milhões. Mais mapeamento, mais pesquisa, mais ação. Mais mulheres sendo ouvidas e sendo contadas. Por quê?

Como uma mulher negra, pobre, periférica, de nordeste, Maria é estereotipada, e, mesmo quando seus percalços não estiverem em questão, ela não pode ser genuinamente uma protagonista. Sendo pobre e periférica, Maria precisa ser uma mulher-coragem para que se aventurem em mostrar-se. Ou uma mulher-sofrida, sem que se aventurem em ouvi-la. Ou uma mulher-vencedora, sem que se aventurem em dizer-lhe que ela precisa ser vencedora. Ou uma mulher-mãe, sem que se aventurem em dizer-lhe que ela precisa ser mãe. Ou uma mulher-trabalhadora, sem que se aventurem em dizer-lhe que ela precisa ser trabalhadora.

Ou ainda, quando ela ultrapassa estes estereótipos, ela pode ser interpretada como a mulher-que-não-quer-ser-mãe, a mulher-que-não-quer-ser-mãe-solteira, a mulher-que-não-quer-ser-mãe-solteira-e-que-não-quer-ser-mãe-de-um-filho-de-um-homem-que-não-quer-ser-pai, a mulher-que-não-quer-ser-mãe-solteira-e-que-não-quer-ser-mãe-de-um-filho-de-um-homem-que-não-quer-ser-pai-e